

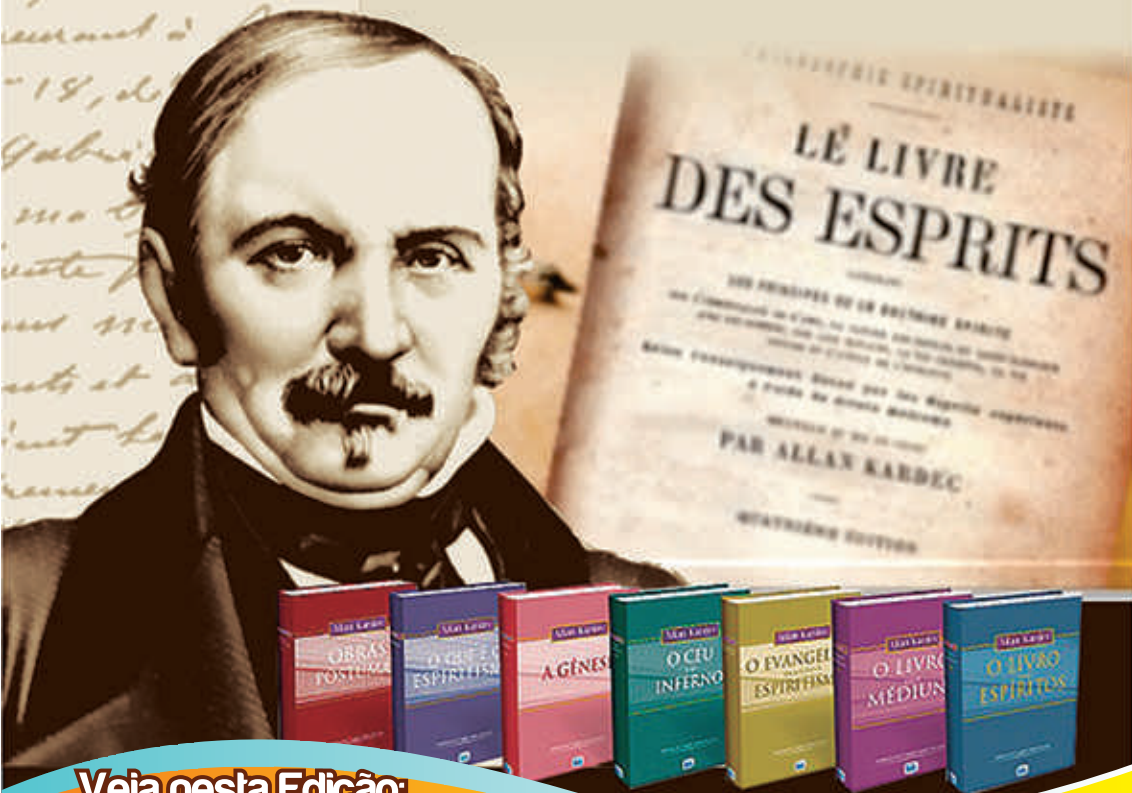
Fonte de Luz

BOLETIM INFORMATIVO DO GRUPO DE ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL
EURÍPEDES BARSANULFO

janeiro/Fevereiro/Março/Abril 2017

Ano 23 – Nº 105

160 ANOS DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS



Veja nesta Edição:

- Editorial
- O Livro dos Espíritos
- Algumas reflexões sobre a arte de perguntar
- 160 anos de O Livro dos Espíritos
- Visão espírita da Páscoa
- Orgulho e vaidade
- Integrar: movimento espírita em ação
- Um ECOAR diferente!

Fonte de Luz

BOLETIM INFORMATIVO DO GRUPO
DE ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL EURÍPEDES BARSANULFO

Janeiro/Fevereiro/Março/Abril 2017
Ano 23 – Nº 105

Fundado em 2 de julho de 1994, é órgão de divulgação periódica, de circulação interna do Grupo de Assistência Espiritual Eurípedes Barsanulfo. Informativo de responsabilidade do Departamento Cultural e de Divulgação – DCD. Artigos, notas, avisos, etc. enviados para publicações serão submetidos à apreciação do Conselho Editorial e não serão devolvidos.

*A arte de ouvir é, também,
a ciência de ajudar.*

Extraído de Episódios Diários, Divaldo Franco e Joanna de Ângelis.



Internet: www.gaeeb.org.br

E-mail: gaeebdf@gmail.com

Conselho Editorial: Eurípedes Barbosa, Melchisedeck Almeida Campos, Nélio Furtado dos Santos, Rafael Voigt Leandro, Raimundo N. Leandro **Editor Responsável:** Raimundo N. Leandro

Revisores: Rafael Voigt Leandro - Maria do Carmo de Oliveira

Diagramação: Ana Cláudia Ribeiro - **Arte final:** Ana Cláudia Ribeiro

O CENTRO ESPÍRITA ¹

“A Casa de Espiritismo Evangélico, por mais humilde, é sempre santuário de renovação mental na direção da vida superior.

Nenhum de nós que serve, embora com a simples presença, a uma instituição dessa natureza, deve esquecer a dignidade do encargo recebido e a elevação do sacerdócio que nos cabe.

Nesse sentido, é sempre lastimável duvidar da essência divina da nossa tarefa.

O ensejo de conhecer, iluminar, contribuir, criar e auxiliar, que uma organização nesses moldes nos faculta, procede invariavelmente de algum ato de amor ou de alguma sementeira de simpatia que nosso espírito, ainda não burilado, deixou à distância, no pretérito escuro que até agora não resgatamos de todo.

Uma Casa Espírita é uma escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem e recolher as graças, aprimorar-nos e aperfeiçoar os outros, na senda eterna.

Quando se abrem as portas de um templo espírita cristão ou de um santuário doméstico,

dedicado ao culto do Evangelho, uma luz divina acende-se nas trevas da ignorância humana e, através de raios benfazejos desse astro de fraternidade e conhecimento, que brilha para o bem da comunidade, os homens que dele se avizinham, ainda que não desejem, caminham, sem perceber, para a vida melhor.”

Assim, o Centro Espírita, pela sua importância como núcleo de trabalho e estudo da Doutrina Espírita, além de seu significado para os trabalhos da espiritualidade em benefício da humanidade, merece ser analisado permanentemente em suas funções, para que nós espíritas, sempre alerta com o manancial oferecido pelo Espiritismo quanto à regeneração do homem em seu campo moral, possamos bem estruturar os trabalhos e práticas doutrinárias do núcleo espírita ao qual pertencemos.

1- Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito Emmanuel, publicada no Reformador, de janeiro de 1951.

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

COM ESSE LIVRO SURTIU NO MUNDO O ESPIRITISMO



Sua primeira edição foi lançada em 18 de abril de 1857, em Paris, pelo editor E. Dentu, estabelecido no Falais Royal, Galérie d'Orléans, 13. Três novidades, à maneira das tríades druídicas, apareciam com este livro: a *Doutrina Espírita*, a palavra **Espiritismo**, que a designava; e o nome *Allan Kardec*, que provinha do passado celta das Gálias.

A primeira novidade era apresentada como antiga, em virtude de representar a eterna realidade espiritual, servindo de fundamento a todas as religiões de todos os tempos: a Doutrina Espírita. Era, entretanto, a

primeira vez que aparecia na sua inteireza, graças à revelação do Espírito de Verdade prometida pelo Cristo. A segunda, a palavra Espiritismo, era um neologismo criado por Kardec e, desde aquele momento, integrado na língua francesa e nos demais idiomas do mundo. A terceira representava a ressurreição do nome de um sacerdote druida desconhecido.



A maneira por que o livro fora escrito era também inteiramente nova. O Prof. Denizard Hippolyte Léon Rivail fizera as perguntas que eram respondidas pelos Espíritos, sob a direção do Espírito de Verdade, através das cestinhas-de-bico. Psicografia indireta. Os médiuns, duas meninas, Caroline Baudin, de 16 anos, e Julie Baudin, de 14, colocavam as mãos nas bordas da cesta e o lápis (o bico) escrevia numa lousa. Pelo mesmo processo, o livro foi revisado pelo Espírito de Verdade, através de outra menina, Ruth Japhet. Outros médiuns foram posteriormente consultados e Kardec informa, em *Obras Póstumas*: “Foi dessa maneira que mais de dez médiuns prestaram concurso a esse trabalho”.

Esse livro é, portanto, o resultado de um trabalho coletivo e conjugado entre o Céu e a Terra. O Professor Denizard não o publicou com o seu nome ilustre de pedagogo e cientista, mas com o nome obscuro de Allan Kardec, que havia tido entre os druidas, na encarnação em que se preparava ativamente para a missão espírita. O nome obscuro suplantou o nome ilustre, pois representava, na Terra, a Falange do Consolador. Esta falange se constituía dos Espíritos Reveladores, sob a orientação do Espírito de Verdade e dos pioneiros encarnados, com Allan Kardec à frente.

Em 16 de março de 1860, foi publicada a segunda edição desse livro, inteiramente revisto, reestruturado e aumentado por Kardec, sob orientação do Espírito de Verdade, que, desde a elaboração da primeira edição, já o avisara de que nem tudo podia ser feito naquela época. Assim, a primeira edição foi o primeiro impacto da Doutrina Espírita no mundo, preparando ambiente para a segunda, que a completaria. Toda a Doutrina está contida neste livro, de forma sintética, e foi posteriormente desenvolvida nos demais volumes da Codificação.

Escrito na forma dialogada da Filosofia Clássica, em linguagem clara e simples, para divulgação popular, esse livro é um verdadeiro tratado filosófico que começa pela Metafísica, desenvolvendo com novas perspectivas a Ontologia, a Sociologia, a Psicologia, a Ética, e estabelecendo as ligações históricas de todas as fases da evolução humana em seus aspectos biológico, psíquico, social e espiritual. Um livro para ser estudado e meditado, com o auxílio dos demais volumes da Codificação.

José Herculano Pires - 25 de setembro de 1914 - 9 de março de 1979.

Tradutor de *O Livro dos Espíritos* – Ed. Lake

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A ARTE DE PERGUNTAR

Nélio Furtado dos Santos

neliofsantos@gmail.com

Convidamos você, leitor amigo, a fazermos juntos uma reflexão sobre a importância do saber perguntar, de maneira geral, em qualquer situação em que nos encontrarmos nos vários segmentos da vida social: na escola, no trabalho, no convívio familiar e, em particular, para nós espíritas, no relacionamento com os seres do mundo invisível.



Quando falamos da arte de bem perguntar, não podemos esquecer que Kardec, na condição de mestre por excelência, nos legou preciosas lições sobre esse tema. Apenas em O livro dos espíritos foram 1.019 perguntas formuladas pelo codificador aos Espíritos reveladores. Em O livro dos médiuns, Kardec dedicou um capítulo inteiro sobre os vários aspectos que envolvem o nosso relacionamento com os seres de outra dimensão, escrevendo todo o capítulo XXVI sobre esse assunto. Nas demais obras básicas, embora em menor escala, também constam perguntas do codificador aos Espíritos, sejam eles inferiores ou superiores.

A pergunta, sobre que assunto versar, deve ser formulada com clareza, objetividade, concisão, utilizando-se frases curtas e, de preferência, colocando-se os elementos sintáticos na ordem direta. Devem ser evitadas as frases longas e as questões empoladas, compreendidas aquelas que englobam mais de um assunto numa mesma pergunta. Se necessário, deve-se dividir o assunto em duas ou mais perguntas, de forma a facilitar o entendimento do que é perguntado por parte do interlocutor e, assim, evitar respostas incompletas ou de difícil compreensão em razão de pergunta mal formulada.

É consenso entre os especialistas que a pergunta deve ser feita por escrito. Mesmo quem tenha memória privilegiada não deve dispensar o registro escrito de sua pergunta, porque, para quem interroga, o importante é obter uma resposta eficaz, ao passo que, para quem responde, o essencial é compreender com clareza o que lhe é indagado. A pergunta escrita antes de sua formulação tem a vantagem de oferecer mais segurança ao perguntador, abrir-lhe a possibilidade de revisão e reflexão sobre o assunto objeto da pergunta, o que facilita o encadeamento lógico do raciocínio e o correto ordenamento das ideias. Em resumo: a boa pergunta requer um planejamento prévio.

Assim sendo, as perguntas feitas de improviso devem ter caráter de excepcionalidade, restringindo-se àquelas que surgirem durante o andamento da reunião, com o objetivo de aclarar as respostas de questões já formuladas.



Finalizando esses comentários iniciais, lembramos: ninguém nasce bom perguntador. Aprender a perguntar de forma correta e com expressividade requer esforço, trabalho e treinamento. É fato que, para muitas pessoas, não é fácil vencer o bloqueio do raciocínio, a inibição e colocar no papel de maneira clara e objetiva o que se quer realmente saber. Perguntar bem lembra muito a prática de esporte. Nos primeiros meses, são necessários muitos exercícios, determinação e tempo. Depois de muito esforço, dominamos a técnica e desenvolvemos uma habilidade que dura a vida toda.

Agora, examinemos alguns aspectos do capítulo XXVI – Das perguntas que se podem fazer aos espíritos – de O livro dos médiuns, o que nos ensaja aprender um pouco com Kardec. Vivenciando as

dificuldades encontradas no relacionamento com os Espíritos, o codificador, com a lucidez de sempre, achou por bem deixar aos espíritas, em capítulo específico, orientações detalhadas sobre o que pode e o que não pode perguntar aos Espíritos.

Vejamos resumidamente algumas orientações contidas no capítulo XXVI:

a) quanto às perguntas, observar a forma e o fundo. Redigi-las com clareza e precisão e evitar que vários assuntos constem numa mesma pergunta. É o que Kardec chama de “questões complexas”.

b) outro ponto importante, ressaltado pelo codificador, é quanto à ordem das perguntas. Ele sugere um ordenamento de forma que uma pergunta decorra da outra, a fim de facilitar a resposta por parte dos Espíritos.

c) outro aspecto relevante é que as perguntas devem ser preparadas com antecedência, por escrito. Isso quer dizer que deve haver um planejamento na sua fase de elaboração. Nesta fase, muitos Espíritos já tomam conhecimento da pergunta, o que facilita a resposta. É oportuno lembrar que os Espíritos podem dar conhecimento antecipado, via intuição, das respostas para o médium, a fim de facilitar o trabalho deste durante a reunião. André Luiz fala sobre isso no livro Missionários da luz, capítulo XVI, Incorporação.

d) quanto ao fundo, sugere observar a natureza das perguntas, ou seja, o que está sendo perguntado, a fim de evitar respostas falsas por parte dos Espíritos. Evitar perguntas que tenham por fim testar os Espíritos e as perguntas de algibeira, ou seja, aquelas que o perguntador já sabe a resposta.

e) alerta que as perguntas não devem ser evitadas, pois trazem grandes benefícios no que toca ao esclarecimento geral. É só observar os limites, utilizando o conhecimento doutrinário e o bom senso.

f) lista, nos itens 288 a 296, perguntas feitas aos instrutores espirituais sobre os mais variados assuntos. Recomendamos ao leitor fazer um estudo cuidadoso desses itens, são muito importantes para todos nós, estudiosos da doutrina. Essa parte do capítulo é bastante extensa, portanto, não comporta, neste espaço, maiores comentários.

Finalizando, caro leitor, esperamos que esses apontamentos sirvam para melhorar cada vez mais a qualidade do nosso trabalho, no que diz respeito ao relacionamento com os Espíritos. Tudo o que foi dito, principalmente as orientações contidas em O livro dos médiuns, deve ser estudado detalhadamente no capítulo XXVI.

A adoção dessas orientações nas reuniões mediúnicas facilitará em muito a tarefa dos mentores espirituais e também a do médium psicofônico.

Ao concluirmos esses escritos, deixamos uma pergunta para a reflexão do estimado leitor: será que Kardec não pode ser considerado o mais hábil perguntador que a história já registrou? Que os fatos respondam.

160 ANOS DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Eurípedes Barbosa

euripedesbsb@gmail.com



A primeira obra a ser publicada foi O Livro dos Espíritos, ocorrida em 18 de abril de 1857, num sábado pela manhã. Comemoramos em 18 de abril de 2017 os seus 160 anos de existência. A sua elaboração aconteceu no gabinete de trabalho de Kardec, em sua residência à Rue des Martyrs, 8 (2º andar, fundos). O lançamento da obra inaugural da Doutrina Espírita ocorreu nas dependências do histórico Palais Royal (palácio real) a uma quadra curta do museu do Louvre. No interior da histórica e portentosa galeria comercial Palais Royal, existiu a editora e livraria Dentu, no nº 13 da Galerie d'Orléans.

Inicialmente, em formato grande, in – 8º, com 176 páginas de texto e distribuição dos assuntos em duas colunas, com perguntas e respostas na coluna da esquerda e o texto corrido equivalente na coluna da direita. Havia um interessante índice alfabético das matérias ocupando 5 páginas, índice que foi cancelado nas edições seguintes. Os XVII itens da introdução são desenvolvidos por Kardec, enquanto que os prolegômenos contêm algumas considerações de Kardec e em que termos os Espíritos deram, por escrito e por muitos médiuns, a missão de o escrever. O Livro, em sua primeira edição, é composto por 501 perguntas e respectivas respostas dos Espíritos superiores, acrescidas de notas e comentários do Codificador. A obra é dividida em três partes: Doutrina Espírita com dez capítulos, Leis Morais com onze capítulos e Esperanças e Consolações com três capítulos. Há, ainda, um epílogo com menos de uma página. As notas e os comentários de Kardec, em número de 17, vêm todas no final, ocupando 12 páginas.



Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico: HIPPOLYTE LÉON DENIZARD RIVAIL e podendo originar confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele adotou o alvitre de o assinar com o nome de ALLAN KARDEC, nome que, segundo lhe revelara o guia (Zéfiro, espírito protetor de Kardec), ele tivera ao tempo dos druidas nas Gálias (França).

Em 1957, Canuto de Abreu publicou edição bilingue da primeira edição de O Livro dos Espíritos, sob o título “O Primeiro Livro dos Espíritos”, (São Paulo, Companhia Editora Ismael).

Em 18 de março de 1860, foi lançada a edição definitiva. Nela, Kardec põe, na parte superior do frontispício, as palavras “filosofia espiritualista”. Com relação ao número de questões dessa edição, a FEB, em nota especial nº 2, no final do livro, na 75ª edição, escreveu: “Em edições anteriores a esta, as questões nºs 1012 a 1019 figuravam sob os nºs 1011 a 1018, respectivamente, sem ter sido atribuído número à questão

imediatamente seguinte à de nº 1010, mantendo-se, não obstante, o texto em sua incolumidade original.

(...) Na sequência da numeração das questões, o Codificador saltou o nº 1011 na 2ª edição francesa, definitiva, de março de 1860. Todavia, o texto foi mantido assim, mesmo nas quatorze edições que se seguiram até a desencarnação de Allan Kardec”. Nessa edição foram mantidas a introdução e os prolegômenos sem alterações. O livro passa a ter quatro partes: 1ª Parte – Das causas primárias com quatro capítulos; 2ª Parte – Do mundo espírita ou mundo dos espíritos com onze capítulos; 3ª Parte – Das leis morais com doze capítulos; e 4ª Parte – Das esperanças e consolações com dois capítulos. No lugar do epílogo, foi colocada uma conclusão com nove itens, feita por Kardec. Fazendo uma análise das questões, chegamos ao seguinte:

Na 1ª parte, há 75 questões, da nº 1 à 75 e 12 subquestões, somando 87; na 2ª parte, da 76 à 613, há 538 questões, que somadas com as 123 subquestões, chegam ao número de 661; na 3ª parte, há 306 questões, da 614 à 919 e mais 42 sub-questões, totalizando 348; e, na 4ª parte, da 920 à 1019, há 100 questões, 17 subquestões e mais 2 questões que estão sem número e sem letra: uma após a 1012 e outra após a questão 1014, perfazendo um total de 1019.

Vamos, pois, à soma dos totais: 87 + 661 + 348 + 119 = 1.215 questões. Ou seja, 1.187 perguntas/respostas e 28 itens de dissertações e afirmações.

Há, ainda, o que poderíamos chamar de “respostas mensagens”, assinadas pelos Espíritos, como se segue:

A 495 por S. Luiz e Santo Agostinho; as 1004, 1006, 1007, 1008, 1010 e 1019 por S. Luiz; a 888

por Vicente de Paulo; a 917 por Fénelon; a 919 por Santo Agostinho e a 1009 por Santo Agostinho, Lamennais, Platão e Paulo, o Apóstolo.

A maior das perguntas é a 394, traduzida para o português com 153 palavras, considerando-se, inclusive, as de uma letra só.

A menor é a de nº 1, construída com três palavras.

A maior resposta é a 1009, que apresenta quatro mensagens de Espíritos Nobres e a participação final do Codificador.

A menor é a 625, respondida com uma única e insubstituível palavra, JESUS. (Em algumas traduções, em outras é "Vede Jesus")]

Por fim, vale lembrar, também, que a questão nº 222 é uma imensa dissertação de Kardec intitulada "Considerações sobre a Pluralidade das Existências." Na questão nº 257, Kardec disserta sobre o "Ensaio Teórico da Sensação nos Espíritos", e, na questão nº 455, Kardec traz um "Resumo Teórico do Sonambulismo, do Êxtase e da Dupla Vista".

Assim, o que contém esse luminoso livro? Contém, conforme diz, em síntese, o frontispício da obra, "os princípios da Doutrina Espírita sobre a imortalidade da Alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade."

São princípios expostos de forma lógica, por meio de diálogos com os Espíritos, às vezes comentados por Kardec, e, embora constitua, pelas importantes matérias que versa, o mais completo tratado de filosofia que se conhece, sua linguagem é simples e direta, não se prendendo a preciosismos de sistemas dificilmente elaborados.

Enfim, O Livro dos Espíritos contém a parte filosófica da Doutrina Espírita. Desse modo, comecemos nosso estudo por ele, lembrando que "o Espírita sem estudo é como um barco sem velas."

Livros consultados:

O Livro dos Espíritos. 75ª edição - FEB.

Allan Kardec. *Pesquisa biobibliográfica e ensaios de interpretação*. Zêus Wantuil e Francisco Thiesen. Volumes I, II e III - FEB.

O Evangelho Segundo o Espiritismo - FEB.

Espiritismo Básico. Pedro Franco Barbosa. 3ª edição. FEB.

Estude e Viva. Ditado por Emmanuel. Psicografia de Francisco Cândido Xavier - FEB.

VISÃO ESPÍRITA DA PÁSCOA PRÁTICAS DISTANTES

Orson Peter Carrara



Agora passou! Mas todo ano, a cena se repete. Chega a época dos feriados católicos da chamada "Semana Santa" e surgem as questões:

1. Como o Espiritismo encara a Páscoa; sexta-feira Santa";
2. Qual o procedimento do espírita no chamado "Sábado de aleluia" e "Domingo de Páscoa";
3. Como fica a questão do "Senhor Morto"?

Sabe que chego a surpreender-me com as perguntas. Não quando surgem de novatos na Doutrina, mas quando surgem de velhos espíritas, condicionados ao hábito católico, que aliás, respeitamos muito. É importante destacar isso: o respeito que devemos às práticas católicas nesta época, desde à chamada época, por nossos irmãos denominada de quaresma, até às lembranças históricas, na maioria das cidades revividas, do sacrifício e ressurgimento de Jesus. Só que, embora o respeito devido, nada temos com isso no sentido das práticas relacionadas com a data.

São práticas religiosas merecedoras de apreço e respeito, mas distantes da prática espírita. É claro que há todo o contexto histórico da questão, os hábitos milenares enraizados na mente popular, o condicionamento com datas e lembranças e a obrigação católica de adesão a tais práticas.

Para a Doutrina Espírita, não há a chamada "Semana Santa", nem tão pouco o "Sábado de aleluia" ou o "Domingo de Páscoa" (embora nossas crianças não consigam ficar sem o chocolate, pela



forte influência da mídia no consumismo aproveitador da data) ou o "Senhor Morto". Trata-se de feriado e prática católica e, portanto, não existem razões para adesão de qualquer tipo ou argumento a tais práticas. É absolutamente incoerente com a prática espírita o desejar de "Feliz Páscoa!", a comemoração de Páscoa em Centros Espíritas ou mesmo a alteração da programação espírita nos Centros, em virtude de tais feriados católicos. E vejo a preocupação de expositores ou articulistas em abordar a questão, por força da data... não há porque fazer-se programas de rádio específicos sobre o assunto, palestras sobre o tema ou publicar

artigos em jornais só porque estamos na referida data. É óbvio que ao longo do ano, vez por outra, abordaremos a questão para esclarecimento ou estudo, mas sem prender-se à pressão e força da data.

Há uma influência católica muito intensa sobre a mente popular, com hábitos enraizados, a ponto de termos somente feriados católicos no Brasil, advindos de uma época de dominação católica sobre o país, realidade bem diferente da que se vive hoje. E os espíritas, afinados com outra proposta, a do Cristo Vivo, não têm por que apegar-se ou preocupar-se com tais questões.

Respeitemos nossos irmãos católicos, mas deixemo-los agir como queiram, sem o *stress* de esgotar explicações. Nossa Doutrina é livre e deve ser praticada livremente, sem qualquer tipo de vinculação com outras práticas. Com isso, ninguém está a desrespeitar o sacrifício do Mestre em prol da Humanidade. Preferimos, sim, ficar com seus exemplos, inclusive o da imortalidade, do que ficar a reviver a tragédia a que foi levado pela precipitação humana.

Inclusive temos o dever de transmitir às novas gerações a violência da malhação do Judas, prática destoante do perdão recomendado pelo Mestre, verdadeiro absurdo mantido por mera tradição, também incoerente com a prática espírita.

A mesma situação ocorre quando na chamada quaresma de nossos irmãos católicos, espíritas ficam preocupados em comer ou não comer carne, ou preocupados se isto pode ou não. Ora, ou somos espíritas ou não somos! Compara-se isso a indagar se no Carnaval os Centros devem ou não abrir as portas, em virtude do pesado clima que se forma???!!!!... A Doutrina Espírita nada tem a ver com isso. São práticas de outras religiões, que, repetimos, respeitamos muito, mas não adotamos, sendo absolutamente incoerente com o espírita e a prática dos Centros Espíritas qualquer influência que modifique sua programação ou proposta de vida.

Esta abordagem está direcionada aos espíritas. Se algum irmão católico nos ler, esperamos nos compreenda o objetivo de argumentação da questão, internamente, para os próprios espíritas. Nada



a opor ou qualquer atitude de crítica a práticas que julgamos extremamente importantes no entendimento católico e para as quais direcionamos nosso maior respeito e apreço.

Vemos com ternura a dedicação e a profunda fé católica que se mostram com toda sua força durante os feriados da chamada Semana Santa e, é claro, nas demais atividades brasileiras que o Catolicismo desenvolve.

O objetivo da abordagem é direcionado aos espíritas que ainda guardam dúvidas sobre as três questões apresentadas no início do artigo. O Espiritismo encara a chamada Sexta-feira Santa como uma sexta-feira normal, como todas as outras, embora reconhecendo a importância dela para os católicos. Também indica que não há procedimento algum para os dias desses feriados. E não há por que preocupar-se com o Senhor Morto, pois que Jesus vive e trabalha em prol da Humanidade.

E, aqui, transcrevemos trecho do capítulo VIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo, no subtítulo VERDADEIRA PUREZA, MÃOS NÃO LAVADAS (página 117 - 107ª edição IDE): "O objetivo da religião é conduzir o homem a Deus; ora, o homem não chega a Deus senão quando está perfeito; portanto, toda religião que não torna o homem melhor, não atinge seu objetivo; (...) A crença na eficácia dos sinais exteriores é nula se não impede que se cometam homicídios, adultérios, espoliações, calúnias e de fazer mal ao próximo em que quer que seja. Ela faz supersticiosos, hipócritas e fanáticos, mas não faz homens de bem. Não basta, pois, ter as aparências da pureza, é preciso antes de tudo ter a pureza de coração".

Não pensem os leitores que extraímos o trecho pensando nas práticas católicas em questão. Não! Pensamos em nós mesmos, os espíritas, que tantas vezes nos perdemos em ilusões, acreditando cegamente na assistência dos espíritos benfeitores, mas agindo com hipocrisia, fanatismo e pasmem, superstição.... Quando não conhecemos devidamente os objetivos da Doutrina Espírita, que são, em última análise, a melhora moral do homem.

Artigo enviado pelo colaborador Eurípedes Barbosa, em 3/4/2017.

(<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/geae/praticas-distantes.html>)

ORGULHO E VAIDADE

Ney Prieto Peres

Procuremos, agora, ilustrar, entre os defeitos que mais comumente manifestam-se em nós, o orgulho e a vaidade. Busquemos tranquilamente conhecê-los, tão profundamente quanto possível, sem mascarar os seus impulsos dentro de nós mesmos. Entendamos que a tolerância começa de nós para nós mesmos. Assim, o nosso trabalho de prospecção interior é suave, e não podemos nos maldizer ou nos martirizar pelos defeitos que ainda temos. Vamos, então, trazer aos níveis de nossa consciência aquelas manifestações impulsivas que nos dominam de certo modo, e que, progressivamente, desejamos controlar.

Vejamos, então, como identificar em nós o orgulho e a vaidade.

Orgulho:

[...] as principais reações e características do tipo predominantemente orgulhoso são:

Amor-próprio muito acentuado: contraria-se por pequenos motivos;

Reage explosivamente a quaisquer observações ou críticas de outrem em relação ao seu comportamento;

Necessita ser o centro de atenções e fazer prevalecer sempre as suas próprias ideias;

Não aceita a possibilidade de seus erros, mantendo-se num estado de consciência fechado ao diálogo construtivo;

Menospreza as ideias do próximo;

Ao ser elogiado por quaisquer motivos, enche-se de uma satisfação presunçosa, como que se reafirmando na sua importância pessoal;

Preocupa-se muito com a sua aparência exterior, seus gestos são estudados, dá demasiada importância à sua posição social e ao prestígio pessoal;

Acha que todos os seus circundantes (familiares e amigos) devem girar em torno de si;

Não admite se humilhar diante de ninguém, achando essa atitude um traço de fraqueza e falta de personalidade;

Usa da ironia e do deboche para com o próximo nas ocasiões de contendas.

Compreendemos que o orgulhoso vive numa atmosfera ilusória, de destaque social ou intelectual, criando, assim, barreiras muito densas para penetrar na realidade do seu próprio interior. Na maioria dos casos, o orgulho é um mecanismo de defesa para encobrir algum aspecto não aceito de ordem familiar, limitações da sua formação escolar-educacional, ou mesmo o resultado do seu próprio posicionamento diante da sociedade da imagem que escolheu para si mesmo, do papel que deseja desempenhar na vida de “status”.

Vaidade:

A vaidade é decorrente do orgulho, e dele anda próxima. Destacamos adiante as suas facetas mais comuns:

Apresentação pessoal exuberante (no vestir, nos adornos usados, nos gestos afetados, no falar demasiado);

Evidência de qualidades intelectuais, não poupando referências à própria pessoa, ou a algo que realiza;

Esforço em realçar dotes físicos, culturais ou sociais com notória antipatia provocada aos demais;

Intolerância para com aqueles cuja condição social ou intelectual é mais humilde, não evitando a eles referências desairosas;

Aspiração a cargos ou posições de destaque que acentuem as referências respeitadas ou elogiosas à sua pessoa;

Não reconhecimento de sua própria culpabilidade nas situações de descontentamento diante de infortúnios por que passa;

Obstrução mental na capacidade de se autoanalisar, não aceitando suas possíveis falhas ou erros, culpando vagamente a sorte, a infelicidade imerecida, o azar.

A vaidade, sorrateiramente, está quase sempre presente dentro de nós. Dela os espíritos inferiores se servem para abrir caminhos às perturbações entre os próprios amigos e familiares. É muito sutil a manifestação da vaidade no nosso íntimo e não é pequeno o esforço que devemos desenvolver na vigilância, para não sermos vítimas daquelas influências que encontram apoio nesse nosso defeito. De alguma forma e de variada intensidade, contamos todos com uma parcela de vaidade, que pode estar se manifestando nas nossas motivações de algo a realizar, o que é certamente válido, até certo ponto. O perigo, no entanto, reside nos excessos e no desconhecimento das fronteiras entre os impulsos de idealismo, por amor a uma causa nobre, e os ímpetos de destaque pessoal, característicos da vaidade.

A vaidade, nas suas formas de apresentação, quer pela postura física, gestos estudados, retórica no falar, atitudes intempestivas, reações arrogantes, reflete, quase sempre, uma deformação de colocação do indivíduo, em face dos valores pessoais que a sociedade estabeleceu. Isto é, a aparência, os gestos, o palavreado, quanto mais artificiais e exuberantes, mais chamam a

atenção, e isso agrada o intérprete, satisfaz a sua necessidade pessoal de ser observado, comentado, “badalado”. No íntimo, o protagonista reflete, naquela aparência toda, grande insegurança e acentuada carência de afeto que nele residem, oriundas de muitos fatores desencadeados na infância e na adolescência. Fixações de imagens que, quando criança, identificou em algumas pessoas aparentemente felizes, bem-sucedidas, comentadas, admiradas, cujos gestos e maneiras de apresentação foram tomados como modelo a seguir.

O vaidoso o é, muitas vezes, sem perceber, e vive desempenhando um personagem que escolheu. No seu íntimo, é sempre bem diferente daquele que aparenta, e, de alguma forma, essa dualidade lhe causa conflitos, pois sofre com tudo isso, sente necessidade de encontrar-se a si mesmo, embora às vezes sem saber como.

O mais prejudicial nisso tudo é que as fixações mentais nos personagens selecionados podem estabelecer enormes bloqueios do sentimento e a eles conduzir, levando as criaturas a assumirem um caráter endurecido, insensível, de atitudes frias e grosseiras.

O Aprendiz do Evangelho terá aí um extraordinário campo de reflexão, de análise tranquila, para aprofundar-se até as raízes que geraram aquelas deformações, ao mesmo tempo que precisa identificar suas características autênticas, o seu verdadeiro modo de ser, para então despir a roupagem teatral que utilizava e colocar-se amadurecidamente, assumindo todo o seu íntimo, com disposição de melhorar sempre.

Manual Prático do Espírita. Ney Prieto Peres: cap. II, pág. 77 e 78. Ed. Pensamento - SP.

INTEGRAR: Movimento Espírita em Ação



É o Movimento Espírita em Ação, organizado pela FEDF, que visa promover a mobilização e integração regional dos colaboradores que compõe as Instituições Espíritas.

Aconteceu no mês de março, aqui no Gaeeb, com a presença do Presidente da FEDF, que abriu evento com uma rápida explanação sobre a proposta do “Integrar”.

Em seguida convidou o Diretor-Presidente da Instituição, Nélio Furtado dos Santos, para proferir a prece inicial e dar as boas-vindas aos representantes das demais Casas espíritas presentes no encontro.

O objetivo principal desse movimento é criar vínculos entre as pessoas das Casas Espíritas, acolher, orientar e esclarecer os colaboradores, bem como mobilizar, integrar e unir as Casas Espíritas da Região.



UM ECOAR DIFERENTE!

Durante o Carnaval deste ano, o *Grupo de Assistência Espiritual Eurípedes Barsanulfo* (GAEEB) realizou a 26ª edição do Encontro dos Caravaneiros Amigos Reunidos (ECOAR), que ocorre há 26 anos. Com o tema *Cristianismo primitivo, séculos I, II e III*, o encontro relembrou diversos vultos que vêm contribuindo historicamente para o desenvolvimento e a difusão da Doutrina Espírita, como exemplos na vivência dos postulados espírita-cristãos.

Nélio Furtado, diretor-presidente do GAEEB, fez a prece de abertura dando as boas-vindas ao público presente e fez uma breve retrospectiva dos encontros passados. Ressaltou a importância desse tipo de evento que só fortalece o Movimento Espírita no Distrito Federal.



Citou vários nomes de destaque que já prestigiaram nossa Casa, elogiou a organização e a criatividade da Comissão Organizadora, sempre afinada com as diretrizes da Casa para este tipo de evento.

Este ano o ECOAR teve um início muito diferente dos demais anos. O grupo Harmonia, como sempre faz, harmonizou e preparou o local com melodias conhecidas que, balsamizaram o salão com eflúvios magnéticos, fruto das belas canções executadas.

Em uma noite especial para os participantes do ESDE, o Teatro Espírita Alvorada Cristã (TEAC), de Planaltina, apresentou a peça “*A era cristã*”, levando o público

presente a um estado emocional jamais visto.

Os personagens, todos caracterizados, conduziram-nos à época do Cristo, numa encenação quase real da perseguição dos romanos aos cristãos – veja em nosso *site* a gravação em vídeo deste grupo que, certamente irá se destacar muito em breve, dentro do Movimento Espírita.

O orador espírita **Haroldo Eleotério** (FEDF) realizou palestra lítero-musical, cujo tema foi *Servidora do Evangelho*, com duração de 25 minutos, numa apresentação de leitura dramática. Em seguida, tivemos o Coral Nilo Sheik fechando a noite, numa emocionante apresentação.

No segundo dia, **Samuel Nunes Magalhães**, historiador e pesquisador da história do espiritismo, fez exposição a respeito de episódios dos primeiros tempos do cristianismo. Ao longo da programação, o pesquisador da FEB **Jorge Brito**, trouxe informações e materiais raros sobre a temática.



Outra participação marcante foi a do psicólogo **Mauro Gleisson** com o tema *Inspirações do Cristianismo Primitivo no século III para o trabalho no Cristianismo Redivivo*. O evento contou ainda com atividades artísticas, exposições e dinâmicas variadas.

A redação do Fonte de Luz parabeniza todos os integrantes da Comissão organizadora do ECOAR pelo excelente trabalho realizado, pela organização impecável de sempre,



pelo altíssimo nível das palestras! Um evento tão cheio de conteúdo artístico-cultural, histórico-filosófico-religioso como o deste ano, não poderia deixar de receber nossos elogios.

Parabéns a todos!

Em tempo: a comissão organizadora do ECOAR/2017 foi constituída dos trabalhadores do DIJ/DEF, sob a coordenação do Departamento Cultural e de Divulgação – DCD.

Visite nosso *site* e veja no *menu* galeria as fotos e os filmes do ECOAR.

